

**ARTIGO**

DOI

**COLONIALIDADE NOS DIAS DE HOJE: PROCESSOS EDUCATIVOS ENTRE PESSOAS  
SOCIALMENTE INVISIBILIZADAS**COLONIALITY NOWADAYS: EDUCATIONAL PROCESSES WITHIN SOCIALLY  
INVISIBLE PEOPLECOLONIALIDAD EN LOS DÍAS DE HOY: PROCESOS EDUCATIVOS ENTRE  
PERSONAS SOCIALMENTE INVISIBLES**Vagner Ferreira**

Centro Universitário Salesiano de São Paulo - Brasil

**Valéria Oliveira de Vasconcelos**

Centro Universitário Salesiano de São Paulo - Brasil

**Dickson Vasconcelos Santos**

Centro Universitário Salesiano de São Paulo - Brasil

**Resumo**

A partir de uma pesquisa de base etnográfica, mediante observação e relatos de experiência de um grupo de pessoas que desempenham a atividade profissional de frentistas de postos de gasolina, pretendemos problematizar o fato de que, embora há séculos tenha ocorrido um movimento de emancipação política na América Latina, encerrando o período de colonização histórica, à luz da linearidade temporal positivista, permanecem marcantes traços de dominação e colonialidade nas relações sociais cotidianas. Dessa forma, procuramos desvelar que algumas pessoas detentoras de um maior poder econômico colocam-se em posição de superioridade em relação a segmentos de "outros" sujeitos que, por sua vez, estão alijados de expressarem seu modo de pensar e de enxergar o mundo. Esses grupos, então, tornam-se oprimidos e, não raro, sequer são percebidos em um sistema totalizante que os exclui, assumindo, dessa forma, a condição de invisibilizados. Ainda, a partir das denúncias e anúncios produzidos, buscamos apontar bases, mesmo que embrionárias, para uma ação política que propicie a construção de autonomia e libertação mútuas. Como resultados, constatamos que os sujeitos

participantes da investigação percebem que são oprimidos em seu cotidiano e foram vislumbradas possibilidades de colaborar para processos educativos mais dialógicos e horizontalizados, com vistas à sua emancipação.

**Palavras-chave:** Colonialidade. Invisibilidade social. Frentistas.

### **Abstract**

From an ethnographic research through observation and experience reports of a group of people who perform the professional activity of attendants of gas stations, it was intended to discuss the fact that while for centuries has been an emancipation movement policy in Latin America, ending the historic colonization period in the light of positivist temporal linearity, remain significant traces of domination and colonialism in everyday social relations. Thus, we seek to reveal that some persons holding a higher economic power put in a position of superiority in relation to segments of "other" subjects which, in turn, are jettisoned to express their way of thinking and seeing the world. These groups then become overwhelmed, and often are not even perceived in a totalizing system that excludes them, assuming thus the invisible condition. Still, as of complaints and produced ads, we try to create bases, even if embryonic, to a political action that provides the construction of autonomy and mutual release. As a result, it was found that the subjects in question realize they are oppressed in their daily lives and were glimpsed possibilities to collaborate in educational processes more dialogic and horizontalizados with a view to the emancipation of the subjects.

**Keywords:** Coloniality. Social invisibility. Gas Station Workers.

### **Resumen**

A partir de una investigación de base etnográfica, mediante observación y relatos de experiencia de un grupo de personas que desempeñan la actividad profesional de frentistas de gasolineras, pretendemos problematizar el hecho de que, aunque desde hace siglos haya ocurrido un movimiento de emancipación política en la América Latina, encerrando el período de colonización histórica, a la luz de la linealidad temporal positivista, permanecen marcados rasgos de dominación y colonialidad en las relaciones sociales cotidianas. De esta forma, buscamos desvelar que algunas personas poseedoras de un mayor poder económico se entienden en posición de superioridad en relación a segmentos de "otros" sujetos que, a su vez, están alejados de expresar su modo de pensar y de ver el mundo. Estos grupos, entonces, se vuelven oprimidos y, a menudo, ni siquiera se perciben en un sistema totalizante que los excluye, asumiendo de esa forma la condición de invisibilizados. A partir de las denuncias y anuncios producidos, buscamos apuntar bases, aunque embrionarias, para una acción política que propicie la construcción de autonomía y liberación mutuas. Como resultados, constatamos que los sujetos participantes de la investigación perciben que son oprimidos en su cotidiano y han sido vislumbradas posibilidades de colaborar para procesos educativos más dialógicos y horizontales, mirando hacia a su emancipación

**Palabras clave:** Colonialidad Invisibilidad social. frentistas de gasolineras.

## Introdução

Ao refletirmos sobre processos educativos em tempos de colonialidade, inicialmente, consideramos necessária a compreensão de conceituarmos esse termo. Quijano (2005) denuncia que existiu, desde a chegada dos europeus na América e em todos os territórios colonizados, persistindo nos dias de hoje, um pensamento imposto que mascara as relações de dominação exercidas por uma ideologia eurocêntrica, que se pretende superior. A partir da noção europeia de Modernidade (após 1492, ou seja: se instaura com a colonização), essa ideologia passou a ocupar a dimensão central (universal e totalizante), enquanto todas as demais expressões culturais foram consideradas periféricas e inferiores; conseqüentemente, excluídas de uma "totalidade" da qual não pertencem, ou seja, a Europa (DUSSEL, 2005).

Nesse sentido, consolidou-se, intencionalmente, e por parte de uma ideologia que toma um grupo como aquele considerado "mais civilizado" (em contraposição ao "bárbaro" e ao "selvagem"<sup>1</sup>), a prática impositiva de uma verdade como única. Toda e qualquer pessoa originária de uma "outra" realidade social - com seus hábitos, comportamentos, linguagens, regras de convivência, valores e, por suposto, maneiras próprias de viver, "não são". São pessoas invisibilizadas que portam saberes de "outras" realidades, que são desconsideradas, tidas como "atrasadas", uma "des-civilização", uma "não-civilização" (DUSSEL, 2005) justamente por serem, tais expressões, consideradas como hierarquicamente inferiores, *bárbaras*, quando não *selvagens*.

De acordo com Quijano (2005) a colonização se instaurou em 1492, que trouxe "verdades incontestes", teve seu fim com as independências dos países colonizados. A *colonialidade* é a ideia que ainda persiste na

---

<sup>1</sup> Esses conceitos nascem com o evolucionismo cultural, em que Tylor (1871) afirma que a cultura se desenvolveria mediante estágios de evolução, divididos em: selvageria, barbárie, e a civilização. A trajetória da humanidade, nessa perspectiva, seria uniforme, unilinear e ascendente. Quijano (2005) faz uma crítica sobre essa teoria de um evolucionismo linear, relacionando-o às bases do eurocentrismo. Por isso, sublinhamos o fato de haver essa herança nas relações sociais, atualmente (sentido de colonialidade).

atualidade, de que os colonizadores e seu pensamento são superiores e um modelo a ser seguido.

Dessa forma, o sentimento de superioridade de uns sobre os outros sobreviveu e sobrevive nas relações sociais. Algumas pessoas se sentem, legitimamente, superiores a outras. E é nesse contexto em que falamos do que aprendemos e ensinamos no encontro com um “outro”.

O estudo foi desenvolvido nas cidades de Piracicaba/SP e Campinas/SP. A partir de discussões e debates preliminares realizados pelos autores, intencionamos observar e anunciar possíveis práticas de opressão, ainda que sutis, sofridas por pessoas que trabalham como frentistas em postos de abastecimento daqueles municípios.

Utilizamos, como pressupostos metodológicos, a pesquisa de base etnográfica com vistas a garantir um olhar mais antropológico na percepção de como esse “outro” se sente com relação ao seu papel social. Importante ressaltar que a etnografia serviu como “base”, tomando alguns de seus princípios metodológicos – tais como a sondagem, a aproximação, a observação participante, as entrevistas e as narrativas pessoais – como orientadores para a pesquisa. Os referenciais teóricos pautados nos estudos antropológicos serviram, aqui, para auxiliar numa compreensão mais interdisciplinar, dialógica e dialética de processos educativos ocorridos nas práticas sociais dos frentistas participantes.

A escolha dos participantes foi feita uma vez que, nas etapas de sondagem e de observação direta, percebemos que algumas pessoas, durante o atendimento nos postos de abastecimento, demonstravam atitudes de desprezo e de superioridade sobre os atendentes, manifestadas em sinais de desrespeito e discriminação para com o(a)s trabalhadores(as) foco da pesquisa.

A partir desse contexto buscamos atender aos objetivos principais da investigação que foram o de entender como pessoas invisibilizadas socialmente enxergam sua realidade e quais são os processos educativos que se dão em suas práticas sociais. Nos baseamos em algumas questões orientadoras: O que ensinam e aprendem os frentistas em seu cotidiano?

Como a colonialidade se demonstra nas relações sociais entre pessoas de distintas classes sociais e com diferentes formas de ver e viver o mundo?

Para tanto, foram realizadas aproximações iniciais no intuito de ratificar (ou não) aquela percepção emergida da sondagem inicial. Essa etapa durou aproximadamente um mês.

Em seguida, convidamos alguns homens e mulheres, frentistas de dois postos de combustível, a participarem da investigação proposta, na qual seriam ouvido(a)s a respeito das questões explicitadas acima. Todos os sujeitos aceitaram o convite.

A partir desse momento, foram agendados horários de comum acordo em que realizamos entrevistas semiestruturadas utilizando os espaços das lojas de conveniência dos postos. Essas entrevistas foram gravadas em aparelho MP3 e transcritas em cadernos de campo, posteriormente, totalizando cerca de três horas de diálogo em cada posto. Foram entrevistadas duas mulheres frentistas em Piracicaba e outros dois homens frentistas em Campinas.

Perguntamos, em linhas gerais, sobre como eram tratados(as) por seus clientes nas operações de abastecimento, quais fatos ou episódios marcantes gostariam de relatar, solicitando que falassem livremente sobre o que considerassem relevante em seu processo de ensinar e aprender no exercício da profissão.

Buscamos assentar nossa postura investigativa no cuidado ético sobre o olhar, sobre a escuta e sobre a compreensão da realidade do outro. Para tanto, nos esforçamos, mesmo assumindo os limites do trabalho, para interpretar o “viver próprio” de um determinado grupo e encontrar a melhor maneira possível de ir ao encontro da sua realidade – nela nos inserindo minimamente para poder conhecê-la, ética e respeitosamente. É assim que

[...] qualquer que seja o nível em que se atua, e por mais intrincado que seja, o princípio orientador é o mesmo: as sociedades, como as vidas, contêm suas próprias interpretações. É preciso apenas descobrir o acesso a elas. (GEERTZ, 2008, p. 213).

No presente artigo, portanto, traremos algumas reflexões sobre essas interpretações pessoais organizadas por itens que abordarão, inicialmente, as origens da colonialidade e o conceito do “sistema-mundo”; em seguida nos reportaremos especificamente aos sujeitos da pesquisa de onde emergiram tais reflexões – frentistas de postos de gasolina da cidade de Piracicaba e de Campinas/SP– e ilustraremos, a partir do diálogo entre pesquisadores e sujeitos, algumas de suas leituras de mundo; os aprendizados na prática social e as possibilidades de encontros dialógicos encerram o artigo, não antes de tecermos algumas considerações finais.

O aprofundamento teórico se deu a partir da articulação com o pensamento de autores como Enrique Dussel, Sonia Stella Araújo-Oliveira, Anibal Quijano, Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Carlos Walter Porto-Gonçalves e Victor Vincent Valla, entre outros.

### **Um conceito de sistema-mundo: origens da colonialidade**

Segundo Enrique Dussel (2005), a colonização dos territórios deu origem ao conceito de “Modernidade”, o qual coloca a Europa no centro do mundo, representando uma pretensa “totalidade”, impondo ao “outro”, o “não europeu”, um status de “exterioridade” ao novo sistema estabelecido, o que deve ser questionado pela ciência contemporânea:

Propomos uma segunda visão de “Modernidade”, num sentido mundial, e consistiria em definir como determinação fundamental o mundo *moderno* o fato de ser (seus Estados, exércitos, economia, filosofia, etc.) “centro” da História Mundial. Ou seja, empiricamente nunca houve História Mundial até 1492 (como data de início da operação do “Sistema-mundo”). [...] Esta *Europa Moderna*, desde 1492, “centro” da História Mundial, constitui, pela primeira vez na história, a todas as outras culturas como sua “periferia”.

A despeito da “independência política” conquistada no século XIX, que significou o fim da colonização nesses territórios, o pensamento hegemônico eurocêntrico, a ideia de dominação, ou de “nortear” as mais diversas expressões praticadas na América Latina e em todos os territórios

invadidos - seja na educação, nas ciências, nas artes, nos saberes e no pensar, no agir - está perpetuada até os dias de hoje.

Assim, ocorreu um processo de *transposição da colonização para a colonialidade*; cuja premissa se apoia na visão de: antes o "outro", o habitante originário, nativo "des-civilizado" e desprovido de cultura; e, hoje, vários "outros", também vistos verticalmente e colocados em posição de inferioridade, imperceptíveis aos olhos dos dominadores, que somente buscam benefício próprio, ou seja: os invisibilizados socialmente.

Assim, se outrora houve uma predatória conquista, em que a ambição colonizadora e desmedida (de uma cultura pretensamente superior) violentou a identidade do povo originário (de cultura pretensamente inferior), nos dias de hoje, o mesmo processo ocorre, desta vez por meio de princípios muito mais capilarizados de convencimento. Ou seja, uma invasão cultural (FREIRE, 2015) persistente e excludente, capitalista, e muito hábil na manutenção da "ordem".

Aqueles grupos considerados *inferiores*, então, são excluídos de um sistema (novo sistema-mundo *norteador*) que entende serem seus valores, sua educação e sua cultura a representação da totalidade dos verdadeiros e válidos saberes.

Então, segmentos sociais dominantes, notadamente, instrumentados pelo poder econômico e/ou pelo acesso a bancos escolares reprodutores de conhecimentos e conteúdos tradicionais (eurocentrados), ao ascenderem a posições de prestígio, estabelecem um modelo de vida impregnado da ideia de "ter chegado lá", de "ter vencido" (*uma vida boa*), o qual consolida um plano de supremacia cultural, afastando outras possibilidades de cultura, de conhecimentos diversificados.

Nesse sentido nas relações sociais se demonstram práticas de dominação pautadas nessa ideia de superioridade e de verdade única.

Mas, na lógica da dominação, a realidade se constrói com outras regras. Quando um mundo-totalidade considera que sua noção de vida boa (sinônimo de vida digna utilizado por Dussel) é superior, ideal e universalizante a única verdadeira e que ela deve ser o modelo adotado por outros mundos da

vida e o impõe como único mundo de vida digna possível (universal), então, utilizando-se de diferentes estratégias, coloniza, domina os outros mundos da vida; o que inicialmente fora diferente é negado. A homogeneização instaura o monoculturalismo. (ARAÚJO-OLIVEIRA, 2014, p. 80).

Nessa perspectiva, nas relações cotidianas sociais de hoje, ocorre um conjunto de práticas maniqueístas, prevalecendo um sentido de *pertencimento versus exclusão*, acerca sobre quem é ou não é: educado, culto, possuidor de saberes, aquele que deve ser ouvido e lido, entre outros aspectos – portanto, quem *venceu* e já *chegou lá* e aqueles “outros” que, ao que tudo indica, nunca alcançarão tal estágio.

Então, embora tenhamos migrado de um sistema colonialista (metrópole-colônia) para um modelo de aparente liberdade de escolha e da “livre circulação” do capital financeiro, existe uma realidade na qual são oprimidos contingentes de pessoas não privilegiadas, excluídas que, simultaneamente, têm seus conhecimentos considerados ilegítimos e não valorizados por um sistema que os próprios dominadores criam, recriam e manipulam. Ou seja, estamos inseridos num modelo totalizante que impõe, submete e impede “outras” possibilidades do saber e do pensar, identificando-as como pertencentes a grupos inferiorizados, despercebidos, desqualificados e invisibilizados.

Nesta compreensão se fundamenta a totalidade como razão dominante da que decorrem as estruturas socioeconômicas e políticas de dominação e exploração do sistema capitalista ainda na sua atual versão neoliberal. [...] As relações hierárquicas entre tipos de saberes, uns pretendidamente universais perante outros tidos como locais, bem como a desqualificação das formas de saber, a produção de conhecimento e acúmulo de resultados sobre educar, cuidar da saúde, próprios dos povos originários e de descendentes das populações africanas escravizadas, fazem parte destas compreensões, e permanecem como herança colonial. (ARAÚJO-OLIVEIRA, 2014, p. 101).

Então, torna-se compreensível o entendimento de que o legado colonizador, ao se perpetuar na atualidade, passou a ser convencional e convenientemente imposto e, ao mesmo tempo, aceito no sistema em



curso. Ou seja, adotou-se como natural um modelo em que o dominador, referindo-se sempre àquele que se encontra em um patamar cultural dito superior, impossibilita que outros sujeitos compartilhem seus conhecimentos, saberes e manifestem suas culturas, além disso, suas diferentes maneiras de aprender e de ensinar.

Propaga-se, dessa forma, uma naturalização dessa visão por meio de engenhosos dispositivos, aparentemente subliminares: nos meios de comunicação, no sistema escolar, nas relações patrão-empregado, nos contatos cotidianos ordinários, nas relações travadas durante a aquisição de bens e serviços, na abordagem policial em comunidades empobrecidas, entre outros. E essa naturalização se dá com um convencimento que Freire (1977) chamaria de “fatalista”, pois, afinal, *sempre foi assim!*

Na verdade, persiste uma forte ideia de que as pessoas oprimidas devem permanecer passivas e, conseqüentemente, acomodadas e acostumar-se a esse tipo de relação excludente e, em última análise, que não se contraponham ao sistema.

**A expressão mais potente da eficácia desse pensamento pode ser descrita como a naturalização das relações sociais que suprimem/negam/invisibilizam as diferenças.** Embora sutilmente mascaradas, elas contribuem para produzir e justificar desigualdades, discriminações, desqualificação de culturas, pessoas (originárias, pobres, da diáspora) são classificadas como inferiores, bárbaras, não civilizadas e impossibilitadas de exercerem seus direitos, desenvolver sua vida digna, conforme suas diferentes visões de mundo, segundo seus jeitos de ser, pensar, agir, se organizar, produzir, interpretar as experiências sociais. (ARAÚJO-OLIVEIRA, 2014, p. 102, grifos nossos).

É preciso, então, em uma perspectiva intercultural, incrementar uma busca incessante em direção ao contra hegemônico, ao “não homogeneizante”, ao respeito ao diverso, ao “outro”, com vistas a superar atitudes discriminatórias voltadas àqueles sujeitos que, em suas vivências mais comuns, são vitimizados pela “colonialidade”, herdada do pensamento colonizador europeu.

## Encontro com outros sujeitos: diálogos com frentistas

Consideramos, portanto, que a academia deve encontrar espaços e campos fartos para, contrapondo-se a um sistema hegemônico (não mais necessariamente exclusivo da Europa, mas ainda “norteador”), desempenhar um fecundo papel de denúncia em relação ao tratamento e designação daqueles que, inadvertidamente, vivem na *invisibilidade social*.

Essas pessoas, por serem inferiorizadas nas relações de poder presentes no contexto capitalista em curso, sofrem discriminação, desatenção e preconceitos de toda ordem, principalmente por representantes de alguns segmentos cuja ideologia está fortemente impregnada pela colonialidade.

Entendemos ser primordial o desenvolvimento de pesquisas na área de educação, entre outras, com o propósito de ouvir os anúncios proferidos por “outros sujeitos” e, muito mais do que isso, buscar um encontro dialógico com eles. Assim, *trazer diferentes vozes ao protagonismo*, com vistas a um posicionamento verdadeiramente horizontal. Indispensável, nessa perspectiva, é tomar a realidade histórico-social em que essas pessoas estão imersas como ponto de partida. De acordo com Brandão (2014, p. 13):

[...] devemos defender a ideia de que, assim como todas as outras práticas sociais de vocação humanista, a ciência e a educação que desejamos praticar e através das quais aspiramos descobrir e ampliar *ad infinitum* sujeitos e campos sociais de diálogo criador e emancipatório devem partir desde o lugar social da comunidade humana concreta e cotidiana (BRANDÃO, 2014, p. 13)

Entendemos que tal prática pressupõe a adoção de atitudes que refutem a hierarquização, que tornem esse processo o mais humano e verdadeiro possível, possibilitando uma partilha de saberes e práticas, de forma harmoniosa e respeitosa. Por outro lado, e tão importante quanto, consideramos que essas práticas devem perpassar todo o trabalho investigativo, não apenas para propiciar um espírito de solidariedade, reconhecimento e compreensão perante os sujeitos marginalizados e ou

excluídos; muito mais do que isso, é fundamental vislumbrar possíveis caminhos de libertação e de autonomia. “Por isso, é de relevante importância encontrar caminhos democráticos para dar curso à necessidade da racionalidade do diálogo emancipador, não como doação ou pura cortesia [...]”. (ARAÚJO-OLIVEIRA, 2014, p. 65).

Reiterando, a presente pesquisa, centrada na busca de um encontro dialógico, delimitou-se ao contato, conversa e escuta com alguns representantes de um segmento profissional – frentistas de postos de gasolina – buscando entender como esses profissionais enxergam sua realidade e quais são os processos educativos que se dão em suas práticas sociais.

Partimos do pressuposto de que, apesar de os/as frentistas terem contato permanente com diversas pessoas, de diferentes classes sociais, muitas vezes são invisíveis aos olhos de alguns, despercebidos no contato cotidiano, representando meros executores de um serviço necessário – em muitas situações, portanto, sofrem de *invisibilidade pública*.

O frentista é, por definição, aquele(a) atendente dos postos de combustível, operando e vivendo, sobretudo, no ambiente urbano capitalista das pequenas e grandes cidades.

O(a)s frentistas aos quais nos referimos trabalham e vivem em uma próspera região do Brasil, em termos de desenvolvimento socioeconômico e até no plano educacional formal – as cidades de Piracicaba e Campinas, ambas no estado de São Paulo.

É necessário reforçar que a motivação para buscar o encontro com o(a)s frentistas surgiu da observação sobre como algumas pessoas mais abastadas lidam com esses *outros* durante os momentos em que se utilizam dos seus serviços profissionais, nos postos de venda de combustíveis.

Nossos primeiros olhares, até como usuários desse sistema, apontaram para uma percepção de que, não raro, havia claras evidências de uma relação de “superioridade X inferioridade” – ou um intencional distanciamento, em que, os clientes mal se dirigiam às(aos) “suas(seus) serviços” durante a operação de abastecimento ou prestação de outros serviços agregados nos postos.

Considerar inferior aquela pessoa diferente de mim é reforçar sentimentos nascidos de teorias que legitimariam uma hierarquização social e cultural. Como aponta Boas (2004, p. 84)<sup>2</sup>, buscando refutar essas visões tão contaminadas e preconceituosas, quando afirma haver “[...] sentimento de distanciamento entre grupos que se caracterizam por roupas diferentes, modos diferentes de expressar emoções ou por um ideal de força corporal contrário a um ideal de formas refinadas.”.

A pesquisa se desenvolveu, em um primeiro momento, na observação em visitas postos de gasolina de forma mais frequente, tentando entender a dinâmica do contexto: o ato de abastecer, atendimento ao cliente, as falas, os gestos, as expressões, o relacionamento mantido. A partir dessa observação começamos a nos familiarizar com o contato social constante e inevitável entre pessoas detentoras de um *status social* e condição financeira privilegiados (por exemplo: médicos, advogados, professores, profissionais liberais, empresários, jovens de origem familiar rica), com os profissionais frentistas de dois postos de gasolina.

Posteriormente, passamos a abordar alguns(as) frentistas para, inicialmente, explicar-lhes o nosso trabalho. Nossa fala pautou-se sempre pela ética, respeito e liberdade para que pudessem, gradativamente, sentir-se completamente confortáveis e seguros(as) para participar dos futuros encontros que colocamos em proposta dialógica. Houve, então, um contato muito acolhedor e verdadeiro em seu propósito, tudo isso tornando viável nossa busca por compartilhamentos.

Nas primeiras aproximações e conversas questionamos sobre como as pessoas de maior poder econômico os(as) tratavam durante os momentos em que se relacionavam. Ouvimos quase em uníssono que era muito comum a prática de sequer receberem “um bom dia”, um aceno de

---

<sup>2</sup> Trazemos Boas aqui para atentar sobre sua constante insistência de que nada havia de concreto e/ou científico que comprovasse a superioridade de uma “raça” sobre outra. Em seus estudos, realizados principalmente nos EUA em princípios do Séc. XX, que deram origem à Antropologia Cultural, o autor é incisivo no que tange a desmistificar os pressupostos do “evolucionismo cultural” e os consequentes equívocos que essa corrente sustentou: a de hierarquização de povos e culturas, que justificaram princípios e práticas eugenistas e racistas.

cabeça, um agradecimento, uma expressão de gentileza; ao contrário, vários clientes não notavam suas presenças, apenas se limitando aos atos de apresentar-lhes um cartão bancário, digitar a senha e partir.

Os participantes relataram alguns casos bastante sintomáticos dessa relação social assimétrica em que, pessoas de dentro do carro, esticavam o braço para fora da janela, olhar fixo em seus celulares, pronunciando energicamente uma palavra: -“*Vinte*” (que poderia ser: trinta, cinquenta, ou outro valor qualquer) – entretanto, o(a) frentista teria que decodificar se se tratava de reais ou litros, se era para abastecer com etanol ou gasolina. Ou seja, desde uma visão individualista e centrada em seu próprio mundo, não seria preciso estabelecer uma comunicação clara, minimamente lateral, pois quem está dentro do carro não se interessa por quem está fora.

O outro ou a outra de fora do carro é invisível, é um “não ser” a serviço da pessoa de dentro do carro, ou dentro da *totalidade*, comoalaria Dussel (2005). A colonialidade se demonstra na crença de que aquele que “tem mais”, “é mais”.

### **Anunciando opressão: diálogo com frentistas invisibilizados**

As falas dos participantes demonstraram uma percepção clara do(a)s frentistas em relação ao tratamento verticalizado e opressor vivenciado em seu cotidiano e apresentando-nos que, realmente, muitas vezes percebem que não são mesmo visto(a)s.

Segundo seus relatos, tal prática não é exclusiva dos considerados e rotulados como os *mais ricos*. Como se nota na fala de uma delas, em Piracicaba/SP, por exemplo,

*A maioria são grossos. O ser humano é isso, eles têm a razão em tudo. As pessoas não olham na sua cara. O problema maior não é com os mais ricos e sim com alguns “que se acham”. (FRENTISTA 1).*

Durante esse encontro, foi possível perceber sua indignação com o desrespeito e a falta de diálogo entre os que se colocam em “plano de

superioridade", estabelecendo um contato de violência, conflito e confronto:

*Teve um dia que o cliente chegou e parou na bomba de diesel, aí eu dei bom dia e perguntei: - Senhor, é diesel? **E ele não respondeu, nem olhou pra mim** e falei de novo: - Senhor, é diesel? Ele saiu do carro e foi na loja. Então eu abasteci. Aí ele queria voar em mim. **'Olha o que você fez sua burra'**. Depois que ele falou que o carro era flex. O que tá acontecendo é falta de diálogo das pessoas. (FRENTISTA 1).*

Nessa mesma perspectiva, reforçando a denúncia de preconceito e violência manifesta, continuou, contando que

*No posto é proibido fumar e tem que tirar o capacete... Aí outro dia parou um cara de moto e começou a fumar e eu pedi pra ele apagar: - Moço por favor...o senhor não pode fumar...ele nem deu bola...pedi de novo...**aí ele veio agressivamente e falou: - Quem é você pra falar assim comigo?** Aí eu abasteci e ele foi embora. (FRENTISTA 1).*

Em outro encontro, com outro sujeito, também em Piracicaba/SP, ouvimos novas denúncias de práticas opressivas, ratificando relações sociais de dominação cotidianas com frentistas, afirmando que

**Quanto mais a pessoa tem posses, mais grossa ela é. A pessoa não olha na sua cara.** Eles se sentem superiores. Uma vez chegou um carro com quatro meninos, filhinhos de papai entre aspas e pediram pra por álcool e o frentista pôs gasolina. Desceram os quatro. **"- Ah, você é frentista!"**  
[...] *Um cara que usava droga, ia lá sempre pedir dinheiro e às vezes o cartão dele não passava e aí me ofendeu, **me falou que eu era vagabunda, que eu era frentista, que não era à toa que eu tava de frentista. Quis dizer que eu era ignorante, que eu era burra por estar ali.** Ele não sabe nada da minha vida pra ele poder falar isso. O cara é dependente químico, depende da mulher, ele precisa ir lá pra pedir dinheiro pra mim pra comprar droga e eu que sou burra? Não pode falar isso! A mulher dele apareceu no posto depois e disse pra mim assim: **falou que eu tinha que por no meu lugar, que ela tinha muito dinheiro e ela podia conversar com o gerente pra me mandar embora,** eu falei: pode ir. (FRENTISTA 2).*

Nesse mesmo encontro constatamos nova denúncia, desta vez em termos de opressão de gênero. Algumas situações são agravadas quando se trata de *uma* frentista, pois além de exercer uma profissão tida como

"inferior", a profissional é também mulher, sofrendo, cumulativamente, demonstrações machistas e preconceituosas que perseveram dentro da perspectiva da colonialidade. O que reside na maioria de nossas mentes é uma falsa crença na superioridade masculina, crença essa naturalizada e consolidada ideologicamente. Entretanto, é possível perceber na fala dessa frentista mulher, sua indignação e a tentativa de libertar-se de tal situação:

**Homem te canta, se você não cede, ah você é frentista! Você não presta!** Quer dizer, ele quer sair com você, mas se você não quer, aí você não presta, sendo que você tá ali, tá trabalhando, honestamente, você não tá roubando de ninguém. Tem muito. Isso é ruim, **tem muito preconceito**, tipo assim: frentista é fácil entre aspas, **não é uma função elitizada. Tem que ser mais respeitado, eu acho!** (FRENTISTA 2).

Os encontros ocorridos em Campinas-SP também nos permitiram compartilhar experiências agregadoras em torno das relações e contatos que retratam evidentes manifestações de dominação de algumas pessoas para com frentistas. Suas narrativas ratificam, igualmente, um sentimento de forte descontentamento em relação à postura de pessoas que não os enxergam. Um dos sujeitos com o qual dialogamos nos relata que

**Tem gente que nem olha para gente.** Tem gente que se acha o rei! Por aqui a gente pega todo tipo de carro, todo tipo de pessoa, **mas tem cara que trata como pedinte de rua.** Você deu bom dia **e tem gente que nem vê nossa cara** e coloca chave para fora: ' - Bota trinta de gasolina'. Falo com taxista e até eles vêm na pressa e não conversam muito com a gente, para não perder corrida. Esse bairro é bom, mas quem mora aqui é mal humorado. **A gente não é melhor ou pior que quem abastece, mas tem cara que não faz questão de tratar o outro bem.** Sempre cumprimento e muitos só respondem por educação, também.[...] Um 'playboyzinho' parou outro dia por aqui, com som alto, e falou para abastecer. Entendi errado quanto era para colocar **e ele me xingou, falou que eu era um trouxa.** Pedi desculpa e **ele disse que só pagaria, mas por ter dó de mim.** Quase briguei, naquele dia! (FRENTISTA 3).

Essa fala mostra que, mesmo sofrendo com a hierarquização social, o jovem frentista se coloca numa situação "superior" ao "pedinte de rua". O pedinte seria, nessa percepção, ainda mais invisibilizado, e com razão: a

“outra pessoa”, é entendida como “menos” que eu, assim pode ser destratada.

Por outro lado, a fala de outro sujeito mostra sua face antagônica, que reconhece pertencer a uma condição inferiorizada na sociedade, e não deseja que essa seja seguida::

*Sempre tento fazer bem o meu trabalho, **mas não quero isso para meus filhos, não. Um deles quis virar frentista** e o outro mecânico. **Mandei estudar e trabalhar em outra coisa melhor, para ajudar em casa.** (FRENTISTA 4).  
[..]*

*Tem cliente que trata bem, **mas a maioria nem olha para gente.** Você puxa papo e isso é raro. Atendi um japonês com caminhonete hoje à tarde e **foi apontando a chave na minha cara, olhando para baixo como se eu fosse capacho dele.** Fiz minha parte e só fiquei pensando como deveria ser a família dele, coitado! (FRENTISTA 4).*

### Ensinando e aprendendo na “bomba de combustível”

Para chegarmos à consecução de objetivos previamente estabelecidos no trabalho em curso e, tendo como premissa o fato de que a educação também está presente nos diversos espaços fora da escola procuramos transcrever depoimentos dos mesmos sujeitos presentes nos encontros, que pudessem indicar práticas cotidianas de ensino e de aprendizado. Assim, ensinam, conforme abaixo descrito:

*Teve uma mulher que parou o carro e me deu a chave, nem olhou pra mim e falou pra abastecer uma quantidade lá de álcool. Abasteci e quando eu fui devolver a chave, **falei pra ela: “- Um bom dia pra senhora também”.** Aí ela ficou sem graça e falou pra mim: “- **Me desculpa, às vezes a gente esquece de ser educada”.** (FRENTISTA 1).  
[...]*

*O pessoal para muito pra pedir informação ... Vem cá... aí a pessoa fala: “- Viu, onde é que é tal lugar?” **Eu falo: “- Boa tarde, primeiro, tudo bem com a senhora? Pois não!”** Aí a pessoa: “- **Nossa! Desculpa!”** Acontece muito, muito, direto. O pessoal lá no posto inclusive fala que eu sou, que eu pareço velha, que **eu cobro isso das pessoas, porque aí a pessoa vai se tocar e não vai mais fazer comigo, nem comigo nem com outra pessoa, entendeu?** (FRENTISTA 2).*



E aprendem assim:

*Cada dia tá pior e acho que vai piorar. É a correria do dia a dia. Não tem mais gentileza. Olha, eu sou educada com as pessoas do comércio, porque eu quero ser bem tratada. (FRENTISTA 1).*

[...]

*Trabalhar com o público é muito difícil. Quando a pessoa é humilde ela trata de igual pra igual. Os caras do bairro, imagine, não dão nem obrigado. Acho que você ser educado não custa - por favor você pode olhar? Muito obrigado!, (FRENTISTA 2).*

### **Do encontro dialógico para uma ação transformadora**

Os encontros relatados foram muito fecundos para que pudéssemos perceber a amplitude da distância estabelecida entre grupos sociais heterogêneos. Em um plano, teoricamente "superior", numa imposição naturalizada e, portanto, muitas vezes aceita e reproduzida, encontram-se algumas pessoas que assumem um papel de dominação, legitimado pelo poder econômico do qual dispõem. Em outro plano, encontram-se os sujeitos observados, "inferiorizados" por sua condição econômica e social.

Essa situação, entretanto, não é de fácil transformação. Como nos ensina Valla (1996):

*É possível que um dos grandes problemas para os profissionais, pesquisadores e militantes seja a forma com que as classes subalternas encaram uma vida, existência marcada, cercada de pobreza e sofrimento. É bem provável que esses setores da população tenham uma enorme lucidez sobre sua situação social [...]. Mas clareza da sua situação social pode significar também clareza de que uma melhoria significativa seja uma ilusão. Neste sentido, a crença em melhorias e numa solução mais efetiva pode apenas ser um desejo, embora importante, da classe média comprometida. Isso significaria que a percepção da população seria mais lúcida e realista, a não ser que se configure uma conjuntura com indicações de possibilidades reais de mudanças que favoreça a classe subalterna. (VALLA, 1996, p. 185).*

Buscamos no diálogo com os sujeitos frentistas tentar nos aproximar, no que possível, das “lentes que os fazem enxergar” seu mundo para ampliar a nossa própria visão de mundo. Como nos exemplifica Vasconcelos, tratando de experiências e práticas pautadas na Educação Popular:

A convivência entre distintos atores sociais, inserida no contexto social em que as pessoas vivem, representou uma importante oportunidade de confrontar formas de construção de conhecimentos empíricos e teóricos. Além disso, essa mesma convivência, mediada pelo diálogo, proporcionou a possibilidade de refletir junto com a comunidade sobre factíveis ações sociais transformadoras [...].(VASCONCELOS, 2014, p. 197).

Assim, a experiência vivenciada durante o processo de investigação ampliou também nossa compreensão sobre esse “outro” sujeito invisibilizado.

Nos posicionamos, então, a partir de uma leitura acurada, na convicção de que como educadores e pesquisadores comprometidos com uma sociedade mais justa e igualitária, um de nossos papéis é o de desvelar a colonialidade que persiste nas relações sociais, principalmente no que tange à dominação e hierarquização sociais, e anunciar possibilidades de transformação dessa realidade.

### **Considerações finais**

No presente trabalho procuramos levantar evidências de que ainda vivemos em um “sistema-mundo norteador”, hoje, capitalista por essência. O legado eurocentrista - cuja gênese se deu a partir de um pensamento centralizador, colonialista, unicista e monocultural - está presente nas relações sociais cotidianas.

Séculos atrás, no modelo metrópole-colônia, imperava a preponderância de uma cultura pretensamente superior (sistema-mundo eurocentrista), dos conhecimentos científicos, da literatura, da educação, das artes, dos artefatos, todos assumidos como únicos referenciais válidos e verdadeiros, quando atrelados à sua percepção de mundo. Essa cultura

buscou negar a possibilidade de compartilhamento dos saberes vivenciados pelos povos originários da América Latina (e da maior parte dos territórios colonizados no mundo), tornando-os exteriores a uma totalidade que se impunha ao resto do mundo.

Naquele tempo, o dominador europeu oprimia violentamente as expressões autóctones, impondo sua cultura pretensamente “superior”, ou seja, além do exercício de poder político-administrativo, já se vivenciava uma espécie de invisibilização de pessoas que resistiam e insistiam em manifestar diferentes visões de mundo e suas culturas plurais.

Procuramos o encontro com alguns desses outros sujeitos, - especificamente: frentistas - para, de forma mutuamente dialógica, compartilhar suas percepções sobre as relações de poder mantidas em suas diferentes realidades.

Concluimos que esses sujeitos muitas vezes são invisibilizados publicamente pelo simples fato de pertencerem a estratos econômicos menos favorecidos - fruto da ideia da colonialidade que definiu o acúmulo de capital como um valor inquestionável, produzindo práticas de opressão, discriminação, exclusão e preconceito nos contatos sociais cotidianos.

Esse trabalho, em consonância a tudo aqui descrito, expressa, por nossa parte, como pesquisadores e pesquisadora, um rico aprendizado, uma vez que “Aprender é estar dentro de um tempo interativo de diálogo com o outro.” (BRANDÃO e BORGES, 2008, p. 199).

Constatamos que as denúncias dos sujeitos participantes convergem para uma forte resistência a esse modelo hegemônico, mesmo que ainda não suficiente para mudar o quadro que se apresenta.

Reiteramos a ideia de que, ao sairmos do ambiente acadêmico e nos inserirmos em diversificados espaços de convivência, estamos procurando denunciar práticas opressoras que ocorrem na sociedade capitalista em que vivemos.

Esperamos que a problematização aqui discutida sirva como uma provocação para novas reflexões e, sobretudo, potencialize ações

transformadoras e emancipadoras que permitam libertação e autonomia dos oprimidos, não só de frentistas, mas de tanto(a) outro(a)s.

Entendemos que é necessária a continuidade dessas discussões, objetivando criar novos espaços de reflexão e discussão, quer seja na academia, quer seja em outros espaços educativos, como os postos de gasolina, tomando as ações problematizadoras um “combustível” para a transformação.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO-OLIVEIRA, Sonia Stela. Exterioridade o outro como critério. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**. São Carlos, EdUFSCar, 2014. p. 65-102.

BOAS, Franz. Raça e progresso. In: CASTRO, C. (Org.). **Franz Boas: antropologia cultural**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 67-86.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Perguntas, pesquisas. Para quem? Para quê? (Introdução). In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**. São Carlos, EdUFSCar, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela. Criar com o outro: o educador do diálogo. **Educação Popular**, Uberlândia, v. 7, p.12-25, jan./dez. 2008. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/reeducpop/article/view/2009>.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. En: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección SurSur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina.

Set., 2005 (p.55,70). Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.) **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Septiembre 2005. p. 227-278.

VALLA, Victor Vincent. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. **Educação e Realidade**, v.21, n.2, 1996 (p.177-190).

VASCONCELOS, Valéria Oliveira de. Diálogos às margens: reinventando a educação popular em contextos de trabalho comunitário e pesquisa. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**. São Carlos, EdUFSCar, 2014.

#### SOBRE OS AUTORES:

##### **Vagner Ferreira**

Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana/SP; membro do Grupo de Pesquisa sobre Conhecimento e Análise das Intervenções na Práxis Educativa Sociocomunitária. E-mail: vagner.espam@gmail.com

##### **Valéria Oliveira de Vasconcelos**

Doutora em Educação, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR); Docente do Programa de Mestrado em Educação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), Americana/SP – Brasil; membro do Grupo de Pesquisa sobre Conhecimento e Análise das Intervenções na Práxis Educativa Sociocomunitária. E-mail: valvasc2013@gmail.com

##### **Dickson Vasconcelos Santos**

Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana/SP; membro do Grupo de Pesquisa sobre Conhecimento e Análise das Intervenções na Práxis Educativa Sociocomunitária. E-mail: dicksonvs@yahoo.com.br

Recebido em: 01 de junho de 2017.  
Aprovado em: 05 de outubro de 2017.